

## Casos de violência contra a mulher no estado do Acre no período compreendido entre 2017 a 2021

Cases of violence against women in the state of Acre in the period between 2017 to 2021

Casos de violencia contra la mujer en el estado de Acre en el periodo 2017 al 2021

Recebido: 20/09/2022 | Revisado: 26/09/2022 | Aceitado: 28/09/2022 | Publicado: 07/10/2022

### **Roxane Castro Alexandre**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1082-3751>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: roxane-castro@hotmail.com

### **Matilde da Silva Conceição**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5097-7835>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: matieconceicao@gmail.com

### **Douglas José Angel**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3892-8328>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: douglas.angel@gmail.com

### **João Gabriel Gomes de Queiroz**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4947-9898>  
Universidade Federal do Acre, Brasil  
E-mail: joaogq@protonmail.com

### **João Vitor da Silva França**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3079-7589>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: jo4o.vfranca@gmail.com

### **Rodrigo Dourado de Almeida**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5216-0098>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: rodrigo\_trigo@hotmail.com

### **Alessandre Gomes de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2030-1586>  
Universidade Federal do Acre, Brasil  
E-mail: alessandregomes@hotmail.com

### **Ruth Silva Lima da Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1890-086X>  
Centro Universitário Uninorte, Brasil  
E-mail: ruttilyma@gmail.com

### **Resumo**

A violência, independentemente de sua natureza, é um dos principais obstáculos para a garantia dos direitos humanos e da liberdade individual de mulheres, e afeta-a em todas as fases da vida. O objetivo do estudo foi identificar os casos de violência contra mulher no estado do Acre no período compreendido entre 2017 a 2021. Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e de abordagem quantitativa, cuja coleta de dados foi realizada no Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Verificou-se a ocorrência de 6.623 casos no período estudado, apresentando uma tendência de queda no último ano. No que se refere a idade da vítima a maioria encontrava-se na faixa etária de 15 a 19 anos 1.838 (28%), seguido das faixas etárias de 10 a 14 anos 1.650 (25%) e 20 a 29 anos 1.606 (24%). Frente ao tipo de violência sofrida, a maioria foi a violência física /espancamento, 5476 (37,4%), violência sexual 3872 (26,5%), seguido de envenenamento 1463(10,0%) e violência psicológica 1367 (9,3%). Quanto ao ciclo de vida, o agressor não foi possível identificar em 4.227 (63,8%) dos casos, pois os dados não estavam disponíveis. No que se refere ao vínculo com o agressor esse dado estava sem identificação na maioria dos casos 2201 (33,0%), no entanto dentre as informações possíveis de serem identificadas, 1374 (20,7%), a violência foi cometida pelo cônjuge e 936 (14,1%) pelo (a) namorado (a). Os achados permitem a necessidade da implementação de medidas eficazes que possam modificar a realidade em que essas mulheres estão inseridas.

**Palavras-chave:** Violência; Violência contra a mulher; Perfil do agressor.

### **Abstract**

Violence, regardless of its nature, is one of the two main obstacles to guaranteeing women's human rights and individual freedom, and affects all stages of life. The objective of the study was to identify cases of violence against

women in the state of Acre from 2017 to 2021. It is a cross-sectional, retrospective study with a quantitative approach, whose data collection was carried out at the Information System Department of Single Health (DATASUS). We verified the occurrence of 6,623 cases in the studied period, with a tendency of curfew in the last year. Not that it refers to the age of the victim, most found the age group from 15 to 19 years old 1,838 (28%), followed by the groups from 10 to 14 years old 1,650 (25%) and 20 to 29 years old 1,606 (24%). As for the type of violence suffered, the majority was physical violence/spreading, 5,476 (37.4%), sexual violence 3,872 (26.5%), followed by poisoning 1,463 (10.0%) and psychological violence 1,367 (9, 3%). As for the life cycle, the aggressor could not be identified in 4,227 (63.8%) of the cases, as data were not available. Regarding the bond with the aggressor, this data was unidentified in most cases 2201 (33.0%), however among the information possible to be identified, 1374 (20.7%), the violence was committed by the spouse and 936 (14.1%) by the boyfriend. The findings allow the need to implement effective measures that can change the reality in which these women are inserted.

**Keywords:** Violence; Violence against women; Aggressor profile.

### Resumen

La violencia, independientemente de su naturaleza, es uno de los dos principales obstáculos para garantizar los derechos humanos y la libertad individual de las mujeres, y afecta todas las etapas de la vida. El objetivo del estudio fue identificar casos de violencia contra la mujer en el estado de Acre de 2017 a 2021. Se trata de un estudio transversal, retrospectivo con enfoque cuantitativo, cuya recolección de datos se realizó en el Departamento de Sistemas de Información de Single Salud (DATOSUS). Verificamos la ocurrencia de 6.623 casos en el período estudiado, con tendencia de toque de queda en el último año. No es que se refiera a la edad de la víctima, la mayoría encontró el grupo de edad de 15 a 19 años 1.838 (28%), seguido de los grupos de 10 a 14 años 1.650 (25%) y de 20 a 29 años 1.606 (24%). En cuanto al tipo de violencia sufrida, la mayoritaria fue violencia física/propagación, 5.476 (37,4%), violencia sexual 3.872 (26,5%), seguida de envenenamiento 1.463 (10,0%) y violencia psicológica 1.367 (9,3%). En cuanto al ciclo de vida, en 4.227 (63,8%) de los casos no se pudo identificar al agresor por no disponer de datos. En cuanto al vínculo con el agresor, este dato fue no identificado en la mayoría de los casos 2201 (33,0%), sin embargo, entre las informaciones posibles de identificar, 1374 (20,7%), la violencia fue cometida por el cónyuge y 936 (14,1%) por el novio. Los hallazgos permiten la necesidad de implementar medidas efectivas que puedan cambiar la realidad en la que se insertan estas mujeres.

**Palabras clave:** Violencia; La violencia contra las mujeres; Perfil del agresor.

## 1. Introdução

De acordo com dados extraídos da literatura, evidencia-se que a violência contra a mulher é endêmica em todos os países e culturas de todo o mundo (Faúndes et al., 2006).

Um recente estudo publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), demonstrou que aproximadamente uma em cada três mulheres no mundo (cerca de 35%), são vítimas de violência física/sexual ao longo da vida, perpetrada por parceiro íntimo ou violência sexual perpetrada por não parceiro, onde a maior parte delas são jovens, entre 15 e 24 anos. Elas ainda sofrem muitas outras formas de violência, que abrangem um amplo espectro, desde a agressão verbal e outras formas de abuso emocional, passando pela violência física ou sexual (World Health Organization, 2013).

Nesse sentido, dentre os tipos de violência que as mulheres são vítimas, o feminicídio é a expressão máxima dessa agressão e que se configura como o assassinato de mulheres cometido em razão do gênero. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança pública, no ano de 2021 uma mulher, em média, foi vítima de feminicídio no Brasil a cada sete horas, resultando um total de 1.319 casos no país. Entretanto, se comparado ao ano anterior, 2020, houve um recuo de 2,4% nos casos registrados, no qual 1.351 mulheres perderam a vida (Andrade, 2017).

Ainda levando em consideração o feminicídio, de todos os estados da Federação, o Acre é o responsável pela maior taxa do país (2,7), bem acima da média nacional (1,2) (Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2021).

Qualquer ato que resulta, ou pode resultar, em dano físico, sexual ou psicológico, ou sofrimento para a mulher, sendo considerado um fenômeno multidimensional é considerado violência contra a mulher, que atualmente se configura como um grave problema de saúde pública e é capaz de atingir mulheres em diversas idades, etnias, e em todos os períodos de seu ciclo vital (Garcia, Freitas, & Höfelmann, 2013).

Essas agressões podem ocorrer sob diferentes modos e são também denominadas pela literatura científica como Violência Doméstica ou Violência de Gênero, embora ambos termos guardem diferenças conceituais sutis: a primeira é praticada no contexto do domicílio; e a segunda, perpetrada contra a vítima em virtude de pertencer ao sexo feminino (Vieira et al., 2009).

A violência física pode ser entendida como uma conduta que afete a integridade ou saúde física da mulher, tais como espancamento, atirar objetos, sacudir e apertar os braços, estrangulamento ou sufocamento, lesões com objetos cortantes/perfurantes e ferimentos causados por arma de fogo ou tortura (Osis et al., 2012).

No Brasil, a violência contra a mulher ganhou maior visibilidade após a criação da Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006. Após a promulgação dessa lei, o Estado Brasileiro passou a responder às demandas de proteção às mulheres em situação de violência de forma mais eficaz com punições mais severas aos agressores - e a problemática passou a ser definida como um crime específico (Ministério da saúde, 2006)

Existem inúmeros fatores associados à violência contra a mulher, tais como os antecedentes familiares de violência, o uso de álcool pelo parceiro, o desemprego, o baixo nível socioeconômico da vítima, além do frágil apoio social ofertado à mulher. Entretanto, o principal fator relacionado a essa forma de violência são as desigualdades causadas por relações tradicionais de gênero, em que as agressões significaram uma estratégia de manutenção do poder masculino (Vieira et al., 2011; Signorelli et al., 2012).

Nesse sentido, prevenção e o enfrentamento da violência contra a mulher passam necessariamente pela redução das desigualdades de gênero e requerem o engajamento de diferentes setores da sociedade, para se garantir que todas as mulheres tenham acesso ao direito básico de viver sem violência (Garcia, 2016).

Sendo assim, os serviços de saúde também têm um papel fundamental na resposta à violência contra as mulheres, pois muitas vezes são o primeiro local onde as vítimas buscam atendimento. É importante que estes serviços estejam disponíveis nos dias e períodos de maior ocorrência da violência contra a mulher e que os profissionais dos serviços estejam capacitados para o atendimento adequado às vítimas e a notificação dos casos (Garcia et al., 2016; Paiva 2016; Costa et al., 2015).

Mediante a isso, objetivo do presente estudo foi identificar os casos de violência contra mulher no estado do Acre no período compreendido de 2017 a 2021.

## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, exploratório, de abordagem quantitativa, com coleta de dados secundários, coletados no site do Departamento de Informática do SUS – DATASUS, tabulados a partir do TABNET utilizando os dados de “Epidemiológicas e Morbidade” do Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN NET), através dos seguintes passos: DATASUS; Acesso à Informação; Informações em Saúde (TABNET); Epidemiológicas e Morbidade → **Violência Interpessoal** - Por local de Residência - Acre

Para a coleta de dados foram analisadas variáveis como: ano de notificação, faixa etária, sexo, tipos de violência, perfil do agressor.

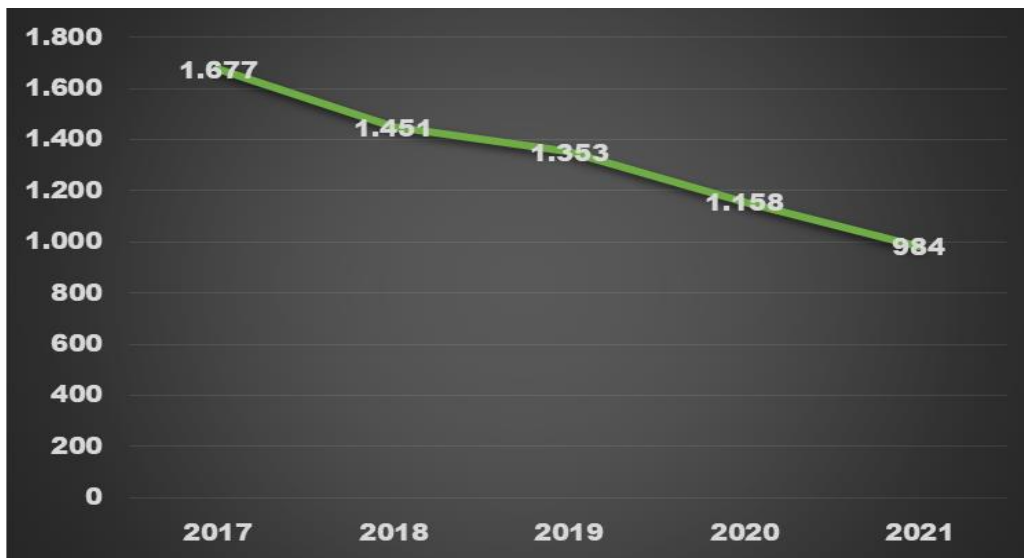
A amostra foi composta por 6.623 casos de violência contra a mulher no período de estudo. Os dados foram coletados em junho de 2022. Os dados quantificados foram apresentados em frequência absoluta e percentual. Foram demonstrados em forma de tabelas e gráficos de acordo com as variáveis existentes. Para produção dos gráficos foi utilizada a ferramenta do Microsoft Office Excel 2010.

O trabalho não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP local, por tratar-se de estudo em fontes secundárias e não se enquadrar dentro da legislação do CONEP/MS, resolução de 466/2012.

### 3. Resultados e Discussões

A Figura 1 demonstra o número de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Acre, por ano de ocorrência, durante o período de estudo.

**Figura 1** - Número de mulheres que sofreram algum tipo de violência no Acre, por ano de ocorrência, no período de 2017 a 2021 (n= 6.623).



Fonte: DATASUS (2022).

Diante dos dados demonstrados na Figura 1, evidencia-se um número significativo de casos de violência contra mulher no período de estudo, no entanto, observa-se uma tendência de queda no último ano. Esse fato pode estar relacionado ao prazo de lançamento dos dados no sistema, uma vez que os dados do ano anterior somente são fechados no primeiro semestre do ano posterior.

Em consonância com esses achados, houve um aumento dos casos de violência registradas por meio do disque 180 no período de 2020, sendo que em comparação com o ano de 2019 ocorreram 37,58% mais denúncias em abril de 2020 (Souza & Farias, 2022).

Sabe-se ainda, que esses dados não refletem a realidade sobre a violência contra mulher no Brasil, haja vista a subnotificação por parte das entidades como serviços de saúde e serviços de atendimento especializado à mulher, o que pode levar a contribuir com a perpetuação desse ciclo violento (Ministério da Saúde, 2020; Maciel, 2018).

Além disso, o Acre está entre os estados que vem apresentando aumento nos índices de violência proferidos contra o gênero feminino, sendo responsável por uma taxa de feminicídio de 2,7 (Bueno, 2021).

A situação de insegurança sobre a qual as mulheres brasileiras são submetidas é ainda mais chocante ao analisar-se a quantidade de mortes femininas. Sob essa perspectiva, o estado do Ceará registrou 118 óbitos de meninas decorrentes de violência em 2018 (Chagas et al., 2022).

A violência contra mulher é um problema de saúde pública e, nos últimos anos, tem ganhado mais destaque no que tange a adoção de medidas que atuem de modo a diminuir e prevenir esse tipo de agressão, o que pode estar atrelado a redução de 18,4% dos casos de feminicídios nos anos de 2009 a 2019 em todo território brasileiro. Contudo, apesar da implementação de ações como a Lei Maria da Penha e serviços especializados de atendimento à mulher ainda há manutenção de outros tipos de violência contra o ser feminino, a exemplo disso temos o estado do Acre que apresentou aumento em 69,5% dos casos (Cerqueira, 2021; Bozzo et al., 2017).

Durante o ano de 2020, compreendido como o ano de início da pandemia pela Covid-19, houve certa redução dos casos de feminicídio registrados, em contrapartida nesse mesmo período mais homicídios dolosos foram registrados (Chagas et al., 2022). Outrossim, após esse período os números voltaram a crescer, haja vista que no período compreendido de 2020 a 2021 o número de feminicídio foi de 2451 e o vítimas de estupro e estupro de vulnerável foi de 100.398 casos (Bueno, 2021).

A Tabela 1 evidencia os casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por idade da vítima, durante o período de estudo.

**Tabela 1** - Casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por idade da vítima, no período de 2017 a 2021 (n= 6.623).

VARIÁVEL	N	%
<b>Faixa Etária</b>		
10 -14 anos	1.650	25%
15-19 anos	1.838	28%
20-29 anos	1.606	24%
30-39 anos	889	13%
40-49 anos	431	7%
50-59 anos	143	2%
60 e mais	66	1%

Fonte: Datasus (2022).

Os dados evidenciados na Tabela 1, demonstram que no que se refere a idade da vítima, a maioria encontrava-se na faixa etária de 15 a 19 anos com 1.838 (28%) das ocorrências, seguido das faixas etárias de 10 a 14 anos com 1.650 (25%) e 20 a 29 anos com 1606 (24%) dos casos.

No que tange a faixa etária, no ano de 2018 mulheres de 10 a 19 anos correspondiam a 25,6% das vítimas fatais pela violência contra mulher (Chagas et al., 2022).

Ademais, a depender do tipo de violência há sobreposição de um grupo etário, desse modo, no que diz respeito ao estupro as crianças e adolescentes são as mais acometidas (Ferreira & Soares, 2021). Além disso, no período de 2015-2019 foram registrados 19.287 óbitos femininos, da faixa etária de 15-59 anos, por agressão no Brasil (Silva et al., 2021).

Em contrapartida, um estudo realizado no interior de São Paulo, constatou que mulheres adultas de 30 a 39 anos correspondiam a 28,41% dos casos notificados de violência doméstica, já as com idade entre de 20 a 29 anos representavam 27,80% desses registros (Bozzo et al., 2017).

As mulheres adultas estão entre as que mais são vitimadas pela violência (Souza & Farias, 2022), nesse sentido, uma pesquisa realizada por Quadros, revelou que das denúncias recebidas por crimes cometidos contra o gênero feminino, 32.008 dessas ocorreram com mulheres de 31-45 anos de idade (Quadros, 2021)

A Tabela 2 apresenta os casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por tipo de violência, durante o período de estudo.

**Tabela 2** - Casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por tipo de violência, no período de 2017 a 2021 (n= 14625).

VARIÁVEL	N	%
<b>Tipos de Violência</b>		
Ameaça	526	3,6%
Assédio Sexual	304	2,1%
Enforcamento	334	2,3%
Envenenamento	1463	10,0%
Exploração sexual	29	0,2%
Tortura	394	2,7%
Violência Financeira/Econômica	15	0,1%
Violência Física/Espancamento	5476	37,4%
Violência com utilização de objeto perfuro cortante	642	4,4%
Violência com utilização de objeto arma de fogo	203	1,4%
Violência Psicológica/moral	1367	9,3%
Violência Sexual	3872	26,5%

Fonte: Datasus (2022).

Na Tabela 2, observa-se que frente ao tipo de violência sofrida a maioria foi a violência física/espancamento 5476 (37,4%), violência sexual 3872 (26,5%), seguido de envenenamento 1.463 (10,0%) e violência psicológica 1.367 (9,3%).

A predominância da violência física e da violência sexual, podem estar relacionadas ao contexto do ambiente em que estão inseridas, tendo em vista que a maioria dos casos ocorre em ambiente domiciliar e são praticadas, majoritariamente, por indivíduos com vínculo estreito com a vítima. Outrossim, tais atos são praticados tendo o próprio corpo do agressor como fonte imediata da agressão, dispensando objetos secundários (Sousa, Maciel, de Oliveira, Batista, de Oliveira Musse & Lima, 2022).

Estudos apontam que, o tipo de violência predominante varia de acordo com a região do país. Na região Sudeste, em SP por exemplo, a ameaça, 4.834 (42,68%) foi a violência mais praticada em maio de 2022, logo após lesão corporal dolosa 3.890 (34,35%), calúnia, difamação, injúria 1150 (10,15%) e estupro de vulnerável consumado 816 (7,2%) (Secretária de Segurança Pública de São Paulo 2022).

Por outro lado, a região Nordeste possui um perfil de característica da violência perpetuada contra a mulher semelhante ao encontrado no estado do Acre, sendo a violência física encontrada em 117.331 (82,6%) casos, tendo a força corporal 80.048 (56,4%) e enforcamento 19.940 (14%) como os principais mecanismos de agressão. Contudo, no Acre, o enforcamento é analisado isoladamente com 334 (2,3%) dos casos, de forma divergente ao Nordeste. Ademais, a violência psicológica e moral 50.050 (35,2%) é mais frequente nessa região do que no Acre (Sousa et al., 2022).

Os achados do presente trabalho foram compatíveis com os resultados do estudo desenvolvido em Santa Catarina que revelou a força corporal/espancamento como a principal forma de violência, tendo sido registrada em 70,28% das ocorrências (Maciel, 2018). De maneira similar, segundo Moroskoski, identificou que essa modalidade de violência foi apontada com uma taxa de em 77,1 para cada 100 mil mulheres vitimizadas (Moroskoski et al., 2021).

Outros estudos apontam a violência psicológica/moral contra a mulher mais prevalente, nesse íterim segundo Bozzo nos municípios do interior paulista essa modalidade de agressão foi responsável por 82,33% dos registros, enquanto isso, em um município do Maranhão é verificado que esse tipo de violência está presente em 44% dos casos, sendo expressa por meio de humilhações, xingamentos e desprezo (Bozzo et al., 2017; de Jesus Silva et al., 2021).

Uma em cada três mulheres no mundo já foi vítima de violência física ou sexual pelo parceiro (de Barros Lima et al., 2020). Dados esses que vão de encontro com os achados da presente pesquisa. Ademais, conforme Viana, entre 2011 e 2018

foram notificados 96.018 casos de violência sexual contra mulheres adolescentes em todo território brasileiro, sendo o Norte a região onde mais se comete este crime (Viana et al., 2022).

Destarte, sabe-se que a violência sexual é uma das principais responsáveis por reduzir anos de vida saudável (Carginin et al., 2021). É importante ainda salientar que no período de isolamento social decorrente da pandemia pelo Coronavírus houve menor solicitação pelos serviços de atendimento e proteção às mulheres, o que pode ter deixado esse público mais vulnerável e suscetível a agressão (Brasil, 2006; de Barros Lima et al., 2020; Leite et al., 2021)

A Tabela 3 indica os casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por perfil do autor, durante o período de estudo.

**Tabela 3** - Casos de violência contra a mulher no estado do Acre, por perfil do autor, no período de 2017 a 2021 (n= 6.623).

VARIÁVEL	N	%
<b>Ciclo de Vida do Autor</b>		
Ignorado	4.227	63,8%
Criança	8	0,1%
Adolescente	691	10,4%
Jovem	771	11,6%
Pessoa adulta	912	13,8%
Pessoa idosa	14	0,2%
<b>Vínculo com o Agressor</b>		
Pai	70	1,1%
Mãe	33	0,5%
Padrasto	65	1,0%
Madrasta	7	0,1%
Cônjuge	1374	20,7%
Ex Cônjuge	243	3,7%
Namorado (a)	936	14,1%
Ex namorado (a)	139	2,1%
Filho (a)	38	0,6%
Irmão (ã)	77	1,2%
Amigos/Conhecidos	580	8,8%
Desconhecido	613	9,3%
Cuidador	4	0,1%
Chefe	10	0,2%
Colega de trabalho	15	0,2%
Polícia	24	0,4%
Outros vínculos	194	2,9%
Sem Identificação	2201	33,0%

Fonte: Datasus (2022).

Mediante os dados da tabela 03, verifica-se o perfil do autor frente aos casos de violência contra a mulher no estado do Acre, destacando-se que quanto ao ciclo de vida em que ele se encontra, essa informação não está disponível em 4.227 (63,8%) dos casos, dificultando a análise. No entanto, frente a informação que estava disponível, a maioria dos agressores eram jovens 771 (11,6%) e adolescentes 691 (10,4%).

No que se refere ao vínculo com o agressor, chama-se a atenção para o fato que 2201 (33,0%) estavam sem identificação no sistema, no entanto mediante aos dados identificados das pessoas que cometeram os atos de violência contra as mulheres no Acre, destacam-se o cônjuge 1374 (20,7%), seguido pelo namorado (a) 936 (14,1%).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência por parte do parceiro configura-se como comportamento, agressão física e/ou sexual, abuso psicológico e tentativas de controle proferidas pelo parceiro ou ex-parceiro, de modo a causar danos a vítima (World Health Organization. 2022).

Outrossim, a maioria dos estudos publicados apontam o agressor como o parceiro íntimo, ou seja, a violência é praticada pelo parceiro conjugal e ocorre sobretudo na residência da vítima<sup>19, 22, 23, 34</sup>. Nessa perspectiva, em Santa Catarina comprovou-se que 48,33% das agressões notificadas eram praticadas por pessoas íntimas das mulheres agredidas<sup>17</sup>.

Na comparação com os dados de um estudo realizado na região Nordeste, notou-se que, ao contrário do que ocorre no Acre, a prevalência de autor da violência é de origem paterna 31.380 (36%), seguidos da mãe 16.156 (18,6%) e, logo depois, pelo padrasto 13.870 (15,9%).<sup>25</sup>

Em consonância com esses dados a pesquisa desenvolvida por Chagas, et al. (2022)<sup>19</sup> também evidenciou que o agressor é geralmente alguém próximo ou que tenha algum grau de afetividade com a vítima, sendo identificado no seguinte grupo: companheiro, ex-companheiros, avôs, pais, irmãos ou vizinhos. Esse crime ocorre em um local que deveria ser seguro para a mulher, desse modo o lar passa a ser uma prisão perpetuadora da violência contra mulher, violando diariamente a integridade física, moral e psicológica das mulheres<sup>35</sup>.

Sob essa ótica, é válido salientar que, no Acre, de acordo com dados de Muniz, 2021<sup>36</sup> de entre os fatores que motivaram os crimes contra as mulheres, estão o ciúme em 30% dos casos, motivo fútil ou torpe em 22% e separação em 11% dessas ocorrências. Assim, fica evidente que mulher ainda é vista como uma espécie de propriedade/posse na mentalidade machista desses indivíduos<sup>15</sup>.

Destarte, uma pesquisa feita no Paraná, chamou atenção o fato de a violência proferida contra a mulher por ex-cônjuges apresentou um aumento de 20,9% no período de 2009 a 2016<sup>27</sup>. Além disso, o agressor costuma ter idade de 25 a 29 anos, ou seja, são adultos jovens<sup>23</sup>.

Ainda no que tange ao perfil do agressor, em um município do estado do Pará no ano de 2019, percebeu-se que os autores eram homens em 84,72% dos casos, de 30 a 39 anos em 23,26% das ocorrências, seguido por 19 a 29 anos com 22,63%<sup>37</sup>.

Entre as limitações desse estudo, nota-se o uso de dados secundários, que podem apresentar subnotificação, não correspondendo integralmente os casos de violência contra o gênero feminino no estado do Acre. Ademais, a maior parte do ciclo de vida do autor e do vínculo com o autor foi preenchido como “ignorado”, mostrando uma dificuldade na análise de dados.

#### 4. Conclusão

A análise dos dados do presente estudo, permite identificar o perfil dos casos de violência contra mulher no estado do Acre. Entre os dados encontrados, nota-se que a maioria das vítimas são mulheres jovens, cujos os agressores, em sua maioria, são os cônjuges que usam a violência física/ espancamento como meio de agressão.

Nota-se que apesar dos avanços em relação a proteção das mulheres, a exemplo da Lei Maria da Penha, de 2006, ainda se faz necessário, combater a desigualdade de gênero, intrínseca, na sociedade patriarcal brasileira, por meio da conscientização da sociedade através de políticas públicas e da punição efetiva do agressor, por parte governamental, bem como acolher a vítima em todos os nos níveis de atenção de saúde.

Novos estudos frente a essa temática se fazem necessários com o intuito de continuar dando visibilidade ao problema, na tentativa de enfrentar essa situação que tem colocado em risco a vida de muitas mulheres.

#### Referências

- Andrade, R. P. D. (2017). *Violência sexual contra mulheres: aspectos médico, psicológicos, sociais e legais do atendimento*. UFPR, (2ª ed.) [Internet].
- Bozzo, A. C. B., Matos, G. C., Beraldi, L. P., & de Souza, M. D. (2017). Violência doméstica contra a mulher: caracterização dos casos notificados em um município do interior paulista. *Revista Enfermagem UERJ*, 25, 11173.
- Bueno, S. (2021). *Violência contra mulheres em 2021*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>.
- Carvalho, J. R., & Oliveira, V. H. (2016). *Violência Doméstica e seu impacto no mercado de trabalho e na produtividade das mulheres*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/11/violencia\\_domestica\\_trabalho\\_ago\\_17.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/11/violencia_domestica_trabalho_ago_17.pdf).



- Cargnin, J. S. S., Luna, J. S., Aguiar, D. M. D., Rodrigues, B. T. C., Azevedo Filho, A. A. D., & Silveira, R. P. (2021). Sexual violence against women in the Western Amazon. *Revista de saúde pública*, 55.
- Chagas, E. R., Oliveira, F. V. A. D., & Macena, R. H. M. (2022). Mortalidade por violência contra mulheres antes e durante a pandemia de Covid-19. Ceará, 2014 a 2020. *Saúde em Debate*, 46, 63-75.
- Cerqueira, D. (2021) *Atlas da Violência 2021*. São Paulo, SP: Ipea. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes..>
- Costa, M. S., Serafim, M. L. F., & Nascimento, A. R. S. D. (2015). Violência contra a mulher: descrição das denúncias em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher de Cajazeiras, Paraíba, 2010 a 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 551-558.
- Cunha, T. O., dos Santos Silva, C., & Soares, G. N. (2021). *A violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia com base no projeto de lei nº 1.444/2020 amparado no princípio da dignidade da pessoa humana*. Graduação em Movimento-Ciências Jurídicas, 1(1), 76-76.
- De Jesus Silva, S. B., da Conceição, H. N., Oliveira, M. R., Câmara, J. T., Moura, L. R. P., dos Santos Silva, K., & Pereira, B. M. (2021). Violência Perfil epidemiológico da violência contra a mulher em um município do interior do Maranhão, Brasil. *O Mundo da Saúde*, 45(s/n), 056-065.
- De Barros Lima, A. M. E., Fonseca, J. R., de Moura, R. S. D., Gusmão, M. S. F., Neves, P. D. C. V., Ribeiro, L. G., ... & Marques, A. C. R. (2020). Violência contra a mulher em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 93, e020009-e020009.
- De Vasconcelos, M. S., de Holanda, V. R., & de Albuquerque, T. T. (2016). Profile of the aggressor and factors associated with violence against women. *Cogitare Enfermagem*, 21(1), 01-10.
- Faúndes, A., Rosas, C. F., Bedone, A. J., & Orozco, L. T. (2006). Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 28, 126-135.
- Ferreira, H., & Soares, M. K. (2021). Violência e segurança pública: uma síntese da produção da Diest nos últimos dez anos. Boletim de Análise Político-Institucional. 129-144. <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10644>.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2021). *Violência contra mulheres em 2021*. , [s. l.], 8 mar. 2021. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>.
- Garcia, L. P. (2016). A magnitude invisível da violência contra a mulher. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25, 451-454.
- Garcia, L. P., Duarte, E. C., Freitas, L. R. S. D., & Silva, G. D. M. D. (2016). Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cadernos de Saúde Pública*, 32.
- Garcia, L. P., Freitas, L. R. S. D., & Höfelmann, D. A. (2013). Avaliação do impacto da Lei Maria da Penha sobre a mortalidade de mulheres por agressões no Brasil, 2001-2011. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 22(3), 383-394.
- Leite, R., Vasconcelos, M., Santos, A., Santos, T., & Drebes, L. M. (2021). Violência contra mulher e raça: uma análise interseccional da pandemia de covid-19. *Enciclopédia Biosfera*, 18(35).
- Maciel, M. G. (2018). *Características da violência física em mulheres adultas notificadas em Santa Catarina-2008 a 2014*. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191416>.
- Ministério da Saúde. Brasil. Agência. (2020). *Lei Maria da Penha: Subnotificações escondem número real da violência*. 2020. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/lei-maria-da-penha-subnotificacoes-escondem-numero-real-da>.
- Ministério da Saúde. Brasil. (2006) *Lei n.11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF).
- Moroskoski, M., Brito, F. A. M. D., Queiroz, R. O., Higarashi, I. H., & Oliveira, R. R. D. (2021). Aumento da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo: uma análise de tendência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4993-5002.
- Muniz, T. (2021) *Acre registra 37 feminicídios em 3 anos e MP cria ferramenta para dar mais transparência aos processos*. Portal Geledés, 2021. <https://www.geledes.org.br/acre-registra-37-feminicidios-em-3-anos-e-mp-cria-ferramenta-para-dar-mais-transparencia-aos-processos/>.
- Osis, M. J. D., Duarte, G. A., & Faúndes, A. (2012). Violência entre usuárias de unidades de saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. *Revista de Saúde Pública*, 46, 351-358.
- Paiva, G. (2016). *Garota presta depoimento à polícia após queixa de estupro coletivo no Rio [Internet]*. São Paulo: Folha de São Paulo; 2016. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1775312-garota-presta-depoimento-a-policia-apos-queixa-de-estupro-coletivo-no-rio.shtml>.
- Secretária de Segurança Pública de São Paulo (2022). *Estatísticas: Violência contra as mulheres*. São Paulo. <https://www.ssp.sp.gov.br/estatistica/ViolenciaMulher.aspx>.
- Signorelli, M. C., Taft, A., & Pereira, P. P. G. (2012). Intimate partner violence against women and healthcare in Australia: charting the scene. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 1037-1048.
- Silva, L. L., de Oliveira, N. B. B., & Pol-Fachin, L. (2021). Análise da taxa de mortalidade por agressão em mulheres de 15 a 59 anos no brasil, durante o período de 2015 a 2019. Analysis of the mortality rate due to assault in women from 15 to 59 years of age in brazil, during the period from 2015 to 2019. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(6), 29417-29429.
- Souza, L. D. J., & Farias, R. D. C. P. (2022). Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serviço Social & Sociedade*, 213-232.

Sousa, B. S., Maciel, N. T. V. G., de Oliveira, M. P. A., Batista, J. F. C., de Oliveira Musse, J., & Lima, G. C. D. B. B. (2022). Violência contra mulher no nordeste brasileiro: tendência temporal de 2009 a 2018. *Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente*, 9(1), 53-67.

Quadros, K. S. D. (2021). *A violência contra a mulher como forma de retenção das liberdades e seus efeitos sobre o desenvolvimento*. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234611>.

Viana, V. A. O., Madeiro, A. P., Mascarenhas, M. D. M., & Rodrigues, M. T. P. (2022). Tendência temporal da violência sexual contra mulheres adolescentes no Brasil, 2011-2018. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 2363-2371.

Vieira, E. M., Perdoná, G. D. S. C., & Santos, M. A. D. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45, 730-

Vieira, E. M., Perdoná, G. D. S. C., Almeida, A. M. D., Nakano, A. M. S., Santos, M. A. D., Daltoso, D., & Ferrante, F. G. D. (2009). Conhecimento e atitudes dos profissionais de saúde em relação à violência de gênero. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 12(4), 566-577.

World Health Organization. (2022) (WHO. *Violência contra as mulheres. Organização Pan-Americana da Saúde* [Internet]. <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>.

World Health Organization. (WHO). (2013). *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence* [Internet]. Geneva: World Health Organization.. <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625eng.pdf> .